

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DA PARAÍBA: DOS QUADRINHOS À PROSA¹

Paula Faustino Sampaio²

Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa (orientador)³

O livro didático e outros materiais de história vêm ganhando espaço nas pesquisas e nos debates sobre história e ensino de história. Neste sentido, os livros e materiais didáticos de história da Paraíba são pensados enquanto um problema, na medida em que tal ensino ainda é incipiente nas escolas das redes públicas e privadas de Campina Grande, sendo uma das principais reclamações dos (as) professores (as) do ensino médio destas redes de ensino em Campina Grande a inexistência ou a insuficiência de livros e materiais de história da Paraíba com fins didáticos.

Tendo em vista esta reclamação, O PROJETO DE PESQUISA: HISTÓRIA DA PARAÍBA: UM PROBLEMA E SEUS DESAFIOS⁴, analisa livros e materiais didáticos de história da Paraíba publicados nas três últimas décadas, que são usados ou não por professores (as) em suas aulas.

No presente artigo analisamos três livros didáticos de história da Paraíba, são eles: *Paraíba: conquista, patrimônio e povo*, de José Octávio de A. Melo, publicado em 1983, *A História da Paraíba em quadrinho*, de Deodato Borges e Deodato Filho, publicado em 1985 e *História da Paraíba: lutas e resistência*, de José Octávio de A. Melo, publicado em 1994. Após analisar cada um, mostramos aproximações e distâncias entre eles quanto ao recorte teórico-metodológico, à linguagem e ao conteúdo.

OFICIALMENTE FALANDO: *PARAÍBA: CONQUISTA, PATRIMÔNIO E POVO*

Paraíba: conquista, patrimônio e povo é um livro sobre história da Paraíba que reúne vários textos produzidos em diferentes épocas por profissionais de diversas áreas. Sua primeira edição é de 1983, quando Gonzaga Rodrigues a organizou. Já em sua segunda edição, dez anos depois, a coletânea passou contar com mais um organizador, José Octávio de A. Melo. Este livro foi pensado para ser um material didático voltado para “vestibulando e não vestibulandos”. Tendo em vista esta preocupação, os organizadores dividiram o livro em

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História da Educação no Contexto da Cultura Histórica”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Bolsista PIBIC/UFPG/CNPq. E-Mail: <paulafaustinosampaio@yahoo.com.br>.

³ Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Adjunto da Unidade Acadêmica de História e Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande.

⁴ O projeto de pesquisa “História da Paraíba: um problema e seus desafios”, em vigência desde 2004, faz parte do Grupo de Pesquisa – História, Cultura e Sociedade Estudo sob a coordenação do Prof. Dr Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa, que também coordena o projeto de pesquisa supra citado.

seis capítulos. Cada capítulo correspondendo a um século da história da Paraíba e o último tratando de estudos especiais.

Neste livro, os organizadores selecionaram textos que tratam de fatos considerados importantes na história, tentando dar conta do século XVI ao XX. Nos trinta e três textos ou fragmentos de livros produzidos por vinte e oito autores lemos descrições e análises sobre momentos da história da Paraíba a partir de lugares sociais, profissionais, institucionais e temporais diferentes. Ao longo do livro, lemos textos elaborados por jesuítas, antropólogos, advogados, historiadores, jornalistas, literatos, políticos ligados ao IHGP, a Universidade Federal da Paraíba e a religião Católica e ao Governo do Estado.

No entanto, com exceção dos quatro textos de José Octávio de A. Melo, os demais textos não foram pensados para alunos do ensino médio nem para comporem este livro, pois foram produzidos com outros fins como: descrever a história da Paraíba; mostrar a formação do povo paraibano; copiar documentos; dissertar sobre escravidão, etc.

Uns textos foram elaborados nos séculos XVI e XVII, como é o caso dos textos atribuído a Simão Travasso e a Elias Herckman(s), respectivamente. Os demais foram produzidos ao longo do século XX. De modo geral, por reunir estes diferentes autores os organizados deste livro entendem que sua coletânea traz “a história da Paraíba e seus melhores interpretes”.

Deste modo, quanto à divisão dos capítulos e dos conteúdos temos: O **primeiro capítulo – século XVI** - trata da formação do povo paraibano, da conquista da Paraíba e da fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves, da contribuição dos religiosos para organização social e da classificação dos indígenas. O **segundo capítulo – século XVII**- trata da organização da sociedade, do trabalho escravo, da formação dos latifúndios e da família patriarcal, da conquista do sertão e da selvageria contra os indígenas, do domínio holandês e da cidade de Frederica e da participação de André Vidal de Negreiro na expulsão dos holandeses. O **terceiro capítulo – século XVIII** – aborda a inquisição na Europa, no Brasil e na Paraíba, listando os paraibanos que foram condenados pela inquisição, o ensino dos jesuítas e sua expulsão, os grandes vultos da história da Paraíba, a incorporação da Paraíba a Pernambuco e a crise na produção de açúcar no Brasil e, em especial, na capitania da Paraíba. O **quarto capítulo – século XIX**- aborda as rebeliões contra o regime monárquico, a evolução político-partidária da província, a implantação do transporte ferroviário, a crise do escravismo, a abolição da escravatura, a recepção ao regime republicano e a economia no século XIX com ênfase na agro-indústria. O **quinto capítulo – século XX** - trata sobre a república velha, as oligarquias, a urbanização, a modernização da capital, a revolução de 1930, da moderna história da Paraíba a partir da morte de João Pessoa em 1930, da estrutura política, da evolução econômica, das tensões sociais e dos movimentos sociais. E o **sexto e último capítulo – estudos especiais**- trata sobre o

homem paraibano em seus aspectos psico-sociais, a evolução e os problemas em João Pessoa, a cidade de João Pessoa de forma poética, a poesia e ficção modernista paraibana, o jornalismo na Paraíba e a evolução musical paraibana. Por fim o livro *Paraíba: conquista, patrimônio e povo* traz uma breve biografia intelectual dos autores.

O livro traz na capa e na abertura de cada capítulo imagens sem legendas ou qualquer referência que facilite a identificação. Mesmo sem legenda e créditos das imagens, a partir da leitura destas, podemos afirmar que se referem aos trabalhos dos indígenas, à presença holandesa, às Igrejas, às rebeliões liberais, ao engenho e à produção de açúcar, ao governador da Paraíba João Pessoa, às ligas camponesas e à reforma agrária, estas duas últimas imagens são as únicas com nota. Pela forma como são utilizadas parece que as imagens falam por si só e falam de momentos considerados importantes dignos de serem ilustrados. Além destas imagens, na abertura do sexto capítulo o livro traz um desenho também sem referência, dificultando a compreensão do desenho. É deste modo pouco cuidadoso, que os organizadores utilizam-se das imagens.

Partindo dos textos, das imagens, das notas biográficas, dos lugares e épocas de publicação e da forma como está organizado o livro podemos identificar a(s) perspectiva(s) teórica(s) e metodológica do livro.

Os textos, em sua maioria, são descrições de momentos da história da Paraíba, que, especialmente, tratam da conquista da Paraíba, da fundação da cidade, do domínio holandês e da revolução de 1930. Há, também, textos analíticos na perspectiva econômica, sociológica e antropológica, a exemplo dos trabalhos de Diana Soares de Galiza – *Da crise do escravismo à abolição da escravatura*, de Humberto de C. Melo – *Bases da sociedade paraibana – escravidão, regime de família e propriedade* e de José Elias Borges – *Índios paraibanos – classificação preliminar*. Estes autores estão ligados a Universidade Federal da Paraíba e produziram no final da década de 1970 e início da década de 1980 e ao Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Há também relatos de memórias, a exemplo do relato de Eugênio Toscano membro do IHGP que nos conta qual foi a sua recepção da Proclamação da República, a de seus amigos e a do povo paraibano. Já na crônica de Gonzaga Rodrigues o mesmo fala sobre a cidade de João Pessoa entre o rio e o mar. E os estudos especiais são descrições da evolução musical, ficcional, jornalística e interpretações da psicologia paraibana.

Deste modo, podemos dividir os textos em: analíticos, descritivos, memórias e crônicas. Estas formas de narrar a história da Paraíba perpassam umas as outras, prevalecendo a forma descritiva em uma narrativa linear que enfatiza acontecimentos, datas e nomes de pessoas tidas importantes por seu atos e posições políticas. Sendo assim, negros, mulheres, trabalhadores são presença fugazes. Quanto aos indígenas, o texto do antropólogo José Elias Borges – *Índios paraibanos – classificação preliminar* é bastante

interessante. O autor afirma que há poucos estudos sobre os povos indígenas na Paraíba, enfatizando que o mesmo não acontece em outros estados. Partindo disso, José Elias Borges se propõe a classificar os grupos indígenas e a lançar um novo olhar sobre os índios cariris da Paraíba.

Neste livro, podemos afirmar há espaço para os indígenas, no entanto o mesmo não acontece com os africanos. No texto escrito por Humberto C. de Melo sobre a escravidão este autor rebate a tese de que na Paraíba a escravidão foi peculiar. Para este autor, os escravos negros sofreram com o trabalho e também com as constantes estiagens. Deste modo, falar de africanos neste livro é falar de escravidão.

Quanto às mulheres, estas parecem nem fazer parte do povo paraibano, as menções são raras e no livro os autores não se detêm nem a contar histórias de possíveis heroínas nem de mulheres da elite. Há um silêncio em torno de personagens femininas. O mesmo silêncio não se dá com os movimentos sociais no século XVIII, XIX e XX. Os textos de José Octávio de A. Melo tratam os de forma superficial, privilegiando o ponto de vista e a narrativa da elite. O que não deixa de ser uma forma de silenciar.

Sendo assim, podemos afirmar que este um livro dialoga com história positivista e oficial. São narrados os acontecimentos considerados importantes pelo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e por uma historiografia tradicional; os personagens são os homens de grandes feitos com André Vidal de Negreiro e João Pessoa; as datas são a da conquista da Paraíba e da fundação da cidade Nossa Senhora das Neves, hoje conhecida como João Pessoa, da expulsão dos holandeses, do desmembramento de Pernambuco e especialmente da morte do governador do Estado João Pessoa, que alguns autores como José Octávio de A. Melo entende como desencadeado da revolução de 1930, momento em que se começa outra história na Paraíba.

Para os organizadores é uma história da formação de um povo singular com a presença africana em menor escala. É a história oficial contada por aqueles, cujas posições na sociedade lhe outorgaram o direito de interpretar a história da Paraíba, uma história contada pela elite intelectual e política. Os organizadores entendem que está é a verdadeira e total história por tratar de 400 anos que vai da fundação ao dias atuais. Por lado, contrariamente, mesmo sendo uma história predominantemente positivista e política, podemos, também, afirmar, que há abordagens de cunho econômicos, antropológicos e sociológicos, especialmente nos texto produzidos nas décadas de 1970 e 1980 com estudos na área de história econômica.

Por fim, sendo um livro recomendado para vestibulando e não vestibulando, percebemos pela linguagem empregada, pelas imagens e pela falta de exercícios que há incoerência entre estes elementos e o público alvo.

NOVA ROUPAGEM PARA VELHA CONCEPÇÃO: A HISTÓRIA DA PARAÍBA EM QUADRINHOS

No âmbito das comemorações do IV centenário da Paraíba em 1985 o Governo do Estado lançou o livro *A História da Paraíba em Quadrinhos*, cujos autores são Deodato Borges e Deodato Filho. Tendo em vista duas publicações nacionais, que na década de 1980 lançaram mão da linguagem dos quadrinhos para tratar dos vultos da história do Brasil e da obra Bagaceira, os organizadores do IV Centenário encomendaram a estes jornalistas e artistas plásticos um livro que utilizasse a linguagem dos quadrinhos para contar a história da Paraíba.

Segundo o prefaciador José Octávio de Arruda Melo, a comissão organizadora do IV Centenário pretendia com lançamento do livro “oferecer ao grande público instrumento fácil, barato e moderno de conhecimento de nossa realidade”⁵. É este instrumento produzido na década de 1980 por estes jornalistas e artistas plásticos que ora analisamos em seus aspectos teórico-metodológico.

Pensando especialmente nos alunos à época 1ª e 2ª graus, hoje ensino fundamental e médio, os autores adaptaram 400 anos de história política da Paraíba objetivando, por meio da linguagem dos quadrinhos, estimular os alunos a conhecer “a história de sua terra” em uma narrativa simples e com muitas ilustrações.

Em sessenta e três páginas divididas em quatro capítulos os autores descrevem fatos, na maioria das vezes, políticos da história da Paraíba. No **primeiro capítulo** – Tracunhaém – o começo de tudo, os autores tratam da Conquista da Capitania da Paraíba a partir do caso Tracunhaém, das expedições com seus fracassos e sucessos, dos atos dos capitães-mor, destacando a participação do capitão João Tavares, da Fundação da Cidade de Nossa Senhora das Neves, da chegada da inquisição e da lenda Branca Dias. No **segundo capítulo** – As invasões holandesas, eles tratam da presença holandesa na Paraíba, dos governos holandeses, da expulsão destes com destaque para atuação de André Vidal de Negreiro que comandou a expulsão e da conquista dos sertões. No **terceiro capítulo** – Revoluções, os autores abordam a anexação da Paraíba à capitania de Pernambuco e alguns problemas econômicos em virtude da anexação e das estiagens, o desmembramento de Pernambuco e a recuperação da capitania, a confederação do equador, o recenseamento, o quebra-quilos, a instalação do telégrafo e dos jornais e a chegada do trem. No **quarto e último capítulo** – Um mundo novo, Deodato Borges e Deodato Filho tratam da precariedade de serviços como água e energia elétrica e das providências dos governadores, do governo de João Pessoa e sua morte, do conflito de Princesa e dos governadores que sucederam João Pessoa e suas principais obras até o governo de Wilson

⁵ MELO, J.O.A. de. Prefácio: Paraíba, quadrinhos e história. In: BORGES, D.; BORGES FILHO, D. A História da Paraíba em Quadrinho. 2.ed. João Pessoa, PB: Governo do Estado da PB. 1985. P.6

Braga. Nos anexos os autores mostram algumas imagens de prédios históricos, da cidade de João Pessoa, do aeroporto, entre outras e uma lista com os nomes dos governadores e o tempo de governo de cada um. Por fim, apresentam a bibliografia consultada.

Nos quatro capítulos lemos os atos dos capitães, dos presidentes da província e dos governadores do Estado entre os anos de 1585 a 1985. É uma história política-administrativa. A partir da capa colorida podemos encontrar indícios da concepção de história dos autores e qual história privilegiam na sua narrativa.

Já na capa Deodato Borges e Deodato Filho ressaltam a chegada das caravelas portuguesas a Paraíba e três “grandes homens” da história paraibana, que marcaram três momentos importantes da história da Paraíba. Os três homens são: João Tavares que marcou a conquista da capitania, André Vidal de Negreiros importante na expulsão dos holandeses e João Pessoa no começo do século XX pelo posicionamento político no Estado, pela administração financeira e pela forma como morreu e o que desencadeou nacionalmente. Estes são os três personagens principais na narrativa do livro.

Outros personagens também aparecem. Eles são em grande medida governantes, que de alguma forma contribuíram para instalação e organização da Capitania, Província e Estado. Deste modo, a narrativa e as imagens do livro tem nos “heróis” e nos seus atos o foco central.

As ilustrações dos episódios descritos no livro em quadrinhos privilegiam o rosto dos governantes, os momentos de batalhas, as viagens à cavalo ou de navio, a construção de igreja, conventos, fortes e alguns símbolos de progresso do século XX. Eles narram o fato e em alguns momentos inserem breves falas dos personagens, que, na maioria das vezes, são diálogos tensos, implicando atitudes de altivez e de coragem.

Numa discussão sobre o lugar para construção do forte podemos notar o tom de tensão que marca alguns diálogos e as ilustrações; o tom cinza que encobre os personagens nos passa essa impressão. Ao longo do livro, quando os autores exploram diálogos, os personagens aparecem ora como nesta ilustração, ora um de frente e outro de costa, ora de perfil. É comum as falas no tempo imperativo como podemos perceber mais explicitamente nas situações de batalha. Além dos imperativos do governador, dos posicionamentos de ataque e de luta, os comentários de Deodato Borges e Deodato Filho ressaltam a bravura do capitão, que mesmo em desvantagem não temeu enfrentar o “inimigo”. Esta ilustração e comentário são emblemáticos da forma como os autores apresentam os homens tidos importantes.

Um outro aspecto em relação a esta ilustração diz respeito a semelhança com o quadro pintado por Pedro Américo sobre a Proclamação da Independência do Brasil, que comumente aparece nos livros didáticos de história. Em outros momentos do livro *A História da Paraíba em Quadrinhos*, as ilustração guardam semelhança com representações de

momento da história do Brasil. A ilustração da chegada das caravelas na capa lembra a representação da chegada de Pedro Álvares Cabral em 1500 e a expulsão dos holandeses lembra a Proclamação da Independência no Brasil. Ao que parece, os autores inspiraram-se em representações da história do Brasil para criar as ilustrações da sua história da Paraíba. De forma geral, nas ilustrações e nos textos eles enfatizam as ações dos homens, primeiramente, portugueses e depois brasileiros que com audácia lutaram, uns até a morte, pela Paraíba e nunca por interesses próprios. Estes homens aparecem, na maioria das vezes, montados a cavalo. Seus rostos claros, com expressão de seriedade, de determinação e em momento de reflexão são ilustrados como podemos notar já nas três ilustrações da capa ao longo do livro.

Os autores utilizam o contraste entre o branco e o preto para mostrar situações de conflito, tensão e de paz. Quando acentuam mais o preto, percebemos momento de conflito e situações de dificuldade, acentuado mais o branco percebemos momento de tranquilidade e de concentração.

Além do contraste de tons, da forma de ilustrar os personagens e do tipo de diálogo, Deodato Borges e Deodato Filho ilustram no primeiro, segundo e terceiro capítulos os capitães e os presidentes montados à cavalo, vestidos para batalha, em posição ereta. Já no capítulo quarto os governadores aparecem a pé, de perfil, em reuniões ou discursando ou inaugurando obras e próximos a símbolos de progresso com o trem, a abertura de estradas, implementação da agricultura, incentivo ao turismo e a cultura. No capítulo quarto sobre o século XX, Deodato Borges e Deodato Filho ilustram cenas de trabalho, de dinamismo, de incentivo a cultura estadual, entre outras, promovidos pelos governantes.

Enquanto as ilustrações dos três primeiros capítulos referem-se a um mundo a ser conquistado e organizado, o quarto capítulo refere-se a um mundo novo aliado a industrializado e ao progresso das cidades, em especial da capital João Pessoa.

As ilustrações ocupam mais espaço no livro do que os textos. Quando tratam da lenda de Branca Dias, uma ilustração desta aparece na metade da página com uma nota dizendo motivo da condenação à fogueira inquisitorial. Ilustrações de mulher com esta são pouquíssimas no livro, pois os autores privilegiam imagens masculinas. São eles os heróis, são eles os corajosos, os lutadores, os administradores, os dignos de serem ilustrados e guardados na memória dos paraibanos. As demais mulheres ilustradas são uma índia nu, uma mulher de costa quando da passagem do imperador na província e a primeira dama Lúcia Braga ao lado do marido e da família em 1985. Deste modo, podemos afirmar que é uma história de homens, na qual as mulheres não passam de fugazes figurantes.

Com relação às ilustrações e referências aos indígenas, percebemos que estes aparecem, geralmente, nus, pegado em armas e assemelhando-se a macaco como podemos notar na ilustração abaixo. Mesmo assinalando a inteligência dos cariris na assimilação das armas

portuguesas e o massacre dos indígenas na conquista do sertão, os autores não deixam de retratá-los com aparência de macaco e nus. Além disso, as participações indígenas concentram-se na conquista e na ocupação do sertão, depois destes momentos eles desaparecem da narrativa. Eles são apresentados como os primeiros habitantes, como colaboradores na ocupação portuguesa e por outro lado como traidores por aliar-se à holandeses e à franceses e como manipulados e vencidos

Diante disso, mesmo os autores lançando mão de uma linguagem pouco utilizada ainda na década de 1980 nas produções de história, eles não se afastam da história positivista, cujos personagens e os acontecimentos estão relacionados aos grandes homens. Em uma narrativa linear que valoriza datas, nomes e acontecimentos, os autores utilizaram de uma linguagem para atrair o público estudantil, mas contam a história da Paraíba nos moldes positivista, na esperança de “que os heróis da nossa história conquistem, com seus gestos de audácia e coragem, a juventude paraibana”⁶.

Segundo Ângela Rama e Waldomiro Vergueiro são pouquíssimas as tentativas no mercado brasileiro de utilização da linguagem das histórias em quadrinho no ensino de história. Neste sentido, o livro de Deodato Borges e Deodato Filho, ainda na década de 1980, é pioneiro por mostrar ser possível utilizar a linguagem das histórias em quadrinho para tratar da história da Paraíba, mesmo que em termos positivista. Ângela Rama e Waldomiro Vergueiro propõem que as histórias em quadrinhos sejam utilizadas “para difusão do conhecimento histórico produzido na academia, e, talvez ainda mais importante para a difusão de uma história mais crítica, mais reflexiva; não uma história dos heróis, idealizada e superficial”⁷.

Deferentemente desta proposta, os autores do livro *História da Paraíba em quadrinho* fazem uma história de heróis e dos principais acontecimentos na história da Paraíba, utilizando uma narrativa linear e objetiva, sendo que as ilustrações são utilizadas para mostrar a cena histórica.

Segundo Circe Bittencourt, a utilização das ilustrações era e, ainda, é com o objetivo de “ver as cenas históricas”. Neste sentido, “a história política que predominou no ensino de história até recentemente foi responsável pela configuração de uma galeria de personagens da vida administrativa do país.”⁸ Deste modo, as ilustrações do livro de Deodato Borges e Deodato Filhos pretendem mostrar cenas históricas e a galeria de governadores da Paraíba.

Sendo assim, mesmo inovando na linguagem, as ilustrações e o texto destes jornalistas são marcados por uma concepção positivista da história, que acreditam ser capaz de estimular os jovens, por meio de um instrumento fácil e moderno a conhecer “os heróis de nossa

⁶ Idem, p.9.

⁷ RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: contexto, 2004. p.105.

⁸ BITTENCOURT, C. Livros didáticos entre textos e imagens. In: *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto. 1997.p.77.

história” na esperança de que estes “conquistem, com seus gestos de audácia e coragem, a juventude paraibana”, o público alvo do livro.

MUDANDO A ARRUMAÇÃO: *HISTÓRIA DA PARAÍBA: LUTAS E RESISTÊNCIAS*

O livro-didático que analisamos por último é *História da Paraíba: Lutas e Resistências*, cujo autor é o ex-professor de História da Paraíba da UFPB José Octávio Arruda de Melo. Desde 1976 o autor pretendia escrever um livro sobre história da Paraíba, o que veio a se concretizar em 1994 quando da elaboração da coleção Biblioteca Paraibana, financiada pela Secretaria de Educação e Conselho Estadual de Cultura do Estado da Paraíba, que tinha como um dos objetivos editar livros novos sobre questões da Paraíba.

Na primeira edição de 1994 o livro conta com 268 páginas e está dividido em sete capítulos, ao final de cada capítulo há uma bibliografia básica e uma bibliografia complementar; não traz exercícios nem imagens. A capa não apresenta imagens. Na capa tem o título do livro, o nome do autor, da editora, da coleção e da instituição que financiou a edição.

No prefácio a primeira edição, de Armando Souto Maior, está explícito o objetivo do livro, que é fazer uma descrição e explicação crítica da História da Paraíba de forma a aliar informações e didática, contribuindo, assim, na formação de estudantes de nível superior. Já o prefaciador da nona edição, Carlo Guilherme Mota, diz que o livro traz uma visão ampla que busca explicar “as malezas políticas e econômicas” do Estado e ressaltar a resistência da sociedade paraibana em uma combinação de informação e explicação, sendo que o “grande personagem dessa história é o povo, ou melhor, as classes populares, em sua difícil estratégia de sobrevivência e resistência.”⁹

Comparando os prefácios percebemos que no prefácio à nona edição há maior ênfase aos “sujeitos históricos”, enquanto no prefácio a primeira edição a ênfase é na obra enquanto uma iniciativa importante por sistematizar a história da Paraíba. Passados sete anos entre a primeira e a nona edição percebemos que não há alterações no corpo do livro, o que mudou foram os prefácios e o público alvo.

Na primeira edição o público alvo eram os estudantes do nível superior das ciências humanas e demais interessados, já na nota introdutória à terceira edição de 1995 e às edições subseqüentes, José Octávio de A. Melo destina a obra aos professores e aos alunos, mas não altera a linguagem do livro nem inclui imagens, exercícios, boxes e outros aspectos presentes nos livros didáticos de história geral e do Brasil.

Quando o livro foi lançado havia pouquíssimos materiais e livros didáticos que sistematizavam, minimamente, acontecimentos da História da Paraíba. A obra, além de sistematizar informações, propõe-se a explicá-las. Neste sentido, o autor diz que a obra tem

⁹ MELLO, José Octávio Arruda. *História da Paraíba: lutas e resistência*. 9° ed. João Pessoa: União. 2002. P. 8.

preocupação didática. E deste modo, o livro é tomado pelos professores do ensino médio e dos cursinhos pré-vestibulares como fonte e instrumento didático, por sistematizar informações, descrever momentos e explicar a história da Paraíba, mostrando causas e consequências políticas e econômicas, o livro *História da Paraíba: lutas e resistência*, podendo ser considerado uma fonte para estudo de história da Paraíba no ensino médio.

Por ser uma fonte e um instrumento de trabalho dos professores na medida em que lançam mão deste para elaborar suas aulas; por sistematizar o saber produzido no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e por intelectuais ligados à acadêmica e por sintetizar em 268 páginas o que considera os principais acontecimentos da história da Paraíba, seguindo uma cronologia linear, o livro pode ser considerado um manual didático.

No entanto, devemos atentar para as diferenças se comparado este aos livros de história do Brasil, que passam por todo um processo editorial especializado, cujos autores e editores estão atualizados com as demandas educacionais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a produção acadêmica e com as necessidades de professores e alunos, passando pelo crivo de especialistas do PNLD, que avalia os livros didáticos em diferentes aspectos.

Tendo por finalidade contribuir na formação dos alunos de ensino médio e atender a outros interessados em história da Paraíba, o autor oferece grande número de informações, mas sem se deter de forma aprofundada em nenhuma, sendo sua análise superficial. O excesso de termos administrativos, siglas partidárias prejudica a clareza textual¹⁰. A falta de clareza, objetividade e excesso de informação podem levar o aluno a perder de vista o assunto proposto no título do capítulo.

Continuando a apresentação e análise, o livro está dividido em sete capítulos. Os **três primeiros** dedicam-se a História da Paraíba Colonial; **o quarto** trata da passagem da Colônia para Império, destacando os conflitos e movimentos populares no período; no **quinto** capítulo trata das oligarquias, enfatizando a Revolução de 1930 enquanto um acontecimento político divisor de águas na história paraibana; o sexto capítulo trata do século XX e o **sétimo** sintetiza a evolução histórico-cultural paraibana. Mesmo dividindo o livro em capítulos, percebemos uma divisão clássica: Paraíba Colonial, Paraíba Imperial, Paraíba República e Paraíba Atual.

Sônia Regina Miranda e Tânia Regina de Luca, comentando as avaliações do PNLD, apresentam um mapeamento das coleções inscritas no Programa agrupando-as em três áreas de concentração, a saber, “visão global”, “visão procedimental” e “visão tradicional ou acontecimental”. Na abordagem acontecimental, “a seleção de conteúdos, cronologia e textos é feita segundo uma visão mais informativa acerca da narrativa acontecimental do passado”, a centralidade é na obtenção de informação e do conteúdo, sem preocupação

¹⁰ Vale ressaltar que esta é uma característica do capítulo VI, que trata da história política e econômica da Paraíba a partir de 1930. Neste capítulo José Octavio de Melo usa muitas siglas de partidos e instituições.

com as formas de aprendizagem. Neste sentido, podemos afirmar que o livro de José Octavio por centrar mesmo que de forma superficial no conteúdo sem preocupação com os processos de aprendizagem aproxima-se da visão acontecimental.

A seleção dos acontecimentos dá-se dentro da produção do IHGP e da Universidade. Segundo Lúcia Ferreira, dentro da historiografia paraibana é possível perceber três grandes linhas, a saber, a primeira delas é a factual e documental, a capistraneana e varnhageniana; a segunda: a oligárquica e a terceira a crítica, que subdivide-se em diferentes correntes. Para além destas três linhas, a produção histográfica paraibana tem dois pólos: o Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e as Universidades.¹¹ Por transitar nestes dois campos de produção da história paraibana, a seleção dos acontecimentos feita por José Octávio de A. Melo dá-se, em grande medida, dentro da produção do IHGP, mas suas explicações se aproximam também de uma certa leitura marxista, comum na academia desde o final dos anos 1970.

Para Margarida Dias, a visão de história do IHGP “que não é só oficial, factual, de heróis, mas, sobretudo, mitificada e sem sujeito (a não ser os “grandes sujeitos” nos “grandes momentos”), uma história de monumentos, pensada e escrita para contemplação, não para o engajamento e a inserção dos sujeitos históricos.”¹² Mas, no entender da autora tais estudos estão desvinculados dos processos históricos gerais. No caso de José Octávio de A. Melo, suas análises vinculam a história da Paraíba a conjuntura e estrutura nacional e mundial, ressaltando as particularidades da história da Paraíba dentro do processo histórico geral.

Diante desta visão de história, podemos afirmar que em alguns momentos o autor partilha da concepção do IHGP, especialmente ao privilegiar os atos dos homens como Vidal de Negreiros considerado herói da “Guerra de Libertação Nacional” por ter “enfrentado” os holandeses; Venâncio Neiva, primeiro presidente da Paraíba, ou João Pessoa, o “grande personagem” que marcou o “Capítulo mais importante da História da Paraíba, a Revolução de 30 vinculou-se de tal maneira à ação político-administrativa do presidente João Pessoa que este terminou como ator histórico cuja morte precipitou sua deflagração.”¹³

Percebe-se também a relação do autor com o IHGP quando analisamos os sujeitos históricos escolhidos. Os sujeitos históricos do livro são, na sua maioria, os homens ligados aos grupos dominantes, contrariamente a leitura de Carlos Guilherme Mota, prefaciador da nona edição, que diz serem as classes populares os sujeitos históricos. Os índios, os negros, as mulheres aparecem como pano de fundo para ações dos “grandes homens” ou como seres submetidos, que tentam resistir por meio de movimentos desarticulados e sem

¹¹ FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. “Balanço da nova historiografia paraibana” Debates Regionais. João Pessoa. n, 2, 1995

¹² DIAS, Margarida Maria Santos. Intrépida Ab Origini: O IHGP e a produção as História Local (1905-1930). João Pessoa: almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996. p. 24.

¹³ MELLO, José Octávio Arruda. Historia da Paraíba: lutas e resistência.. João Pessoa: União. 1994 P.164

liderança, frutos de impulso e da necessidade de sobrevivência. De forma geral, é desta maneira que o autor define os movimentos como “Ronco da Abelha”, “Quebra-quilos” e as “Ligas Camponesas”.

Quanto ao conceito de resistência, o autor trabalha com a idéia de que os supostos dominados lutarem contra a opressão dos dominadores, mas sem perspectivas de vitórias, pois os dominadores, que podem ser os conquistadores no período colonial, sempre subjagam os dominados. O autor quer mostrar que a ocupação da Paraíba foi motivo de lutas por ser uma terra importante e por seus primeiros habitantes trazerem consigo uma resistência natural às adversidades. Deste modo, não usa o conceito nem no sentido marxista clássico nem no sentido thompiano.

Deste modo, o autor defende a idéia de que o processo histórico na Paraíba por mais deuse dentro de “lutas” desde a colonização, passando pela criação da capitania, pela elevação a província, pelo envolvimento em conflitos regionais e nacionais, chegando ao ponto alto, a “Revolução de 1930”, que marcou a história paraibana.

Portanto, por transitar entre dois campos de produção da história percebe-se a tensão entre duas concepções de História. Uma concepção positivista produzida pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e outra de cunho econômico-social produzida por historiadores ligados as universidades. Por relacionar-se com a produção acadêmica dos anos 70, 80 e 90, em alguns momentos do livro podemos perceber uma aproximação com uma história de cunho econômico-social, especialmente por inserir de forma rápida e privilegiando a narrativa da elite sobre os movimentos, as lutas e resistência dos “de baixo”. Mesmo assim, prevalece a concepção positivista e desenvolvida pelo IGHP. Por transitar entre os dois pólos, o IHGP e a universidade, o aporte teórico-metodológico do livro pode ser situado na tensão entre duas concepções de história.

APROXIMAÇÕES E DISTÂNCIAS ENTRE OS TRÊS LIVROS DIDÁTICOS

Tendo em vista estes três livros sobre história da Paraíba que se propõem como instrumentos para os estudantes do ensino médio, podemos dizer que há muitas aproximações entre eles e poucas distâncias.

Quanto à perspectiva teórico-metodológica os três aproximam-se do Positivismo, figurando nas três obras os governantes, seus atos, que são também os mais importantes na história paraibana.

Em relação à linguagem, os livros *História da Paraíba: lutas e resistência* e *Paraíba: conquista, patrimônio e povo* utilizam a prosa em uma narrativa linear da história, na qual o tempo é dividido por séculos que tem começo, meio e fins definidos. Já o livro *A história da Paraíba em quadrinho* lança mão da linguagem dos quadrinhos para contar com ilustrações e textos a história deste estado. A diferença em relação à linguagem que este último utiliza

uma linguagem que pressupõem atrair mais os estudantes. Neste sentido este livro é o único que explicitamente se mostra preocupado com a linguagem. Mesmo assim, segue a cronologia tradicional em narrativa que enfatiza acontecimentos, datas e nomes. Deste modo, aproximando-se das outras obras.

Eles também se aproximam em relação ao conteúdo. Praticamente são narrados os mesmos acontecimentos, são comuns: conquista da Paraíba, fundação de cidade de Nossa Senhora das Neves, invasão e expulsão holandesa, expulsão dos jesuítas, a conquista do sertão, a anexação a Pernambuco, a chegada do trem, a morte de João Pessoa e a revolução de 1930; quase sem nenhuma alteração quanto à abordagem, aos sujeitos, aos períodos. Uma diferença é que o livro em quadrinho e história da Paraíba: lutas e resistências falam da conquista pelos portugueses a partir do caso Tracunhaém, quando uma índia foi raptada e quando os franceses começaram a incitar os índios contra os portugueses, segundo os autores. Já Paraíba: conquista, patrimônio e povo, como com a formação do povo paraibano, ressaltando a mistura entre índios e portugueses.

Institucionalmente, José Octávio de A. Melo está ligado a Universidade Federal da Paraíba e ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano que foi fundado em 1905, cujos fundadores tinham formação em Direito e ocupavam cargos políticos, tendo como objetivo escrever a história da Paraíba. Neste sentido, José Octávio está profundamente ligado ao IHGP, assim como o jornalista Gonzaga Rodrigues e outros que compõem o livro *Paraíba: conquista, patrimônio e povo*. Já Deodato Borges é jornalista e Deodato Filho jornalista e artistas plásticos. Mesmo com formações em diferentes áreas das ciências humanas os autores utilizaram as mesmas fontes produzidas e catalogas pelo IHGP. E em grande medida, seguem a perspectiva da história tradicional deste instituto.

Por fim, os autores estão mais interessados em descrever o fato, seja em ilustrações, seja em prosa, do que em explicá-los e quando fazem é de forma superficial que em grande medida fala de acontecimentos políticos-administrativos-econômicos demonstrando a grandeza paraibana por meio de seus grandes homens. Vale ressaltar que o livro A História da Paraíba em quadrinho enfatiza mais esta forma de conceber a história, pois privilegia os capitães, presidentes e governadores da Paraíba.

Sendo assim, os três livros aproximam-se mais do que se distanciam. Produzidos no âmbito da comemoração do IV Centenário da Paraíba, especialmente os publicados dos anos 1980, são livros para exaltar a Paraíba. E neste sentido eles também dialogam. A leitura das três obras pode contribuir para pensar como estes autores pensam e escrevem a história e qual história da Paraíba eles narram, buscando em cada tema aproximações e possíveis distâncias, que no âmbito deste artigo não abordaremos. De qualquer forma, fica o convite para lermos e analisarmos estes três livros na tentativa de fazer com que história da Paraíba seja uma presença nos currículos dos alunos de ensino fundamental e médio.